



Relatos de experiências de jornalismo hiperlocal

Magaly Prado

Doutora em Comunicação e Semiótica e mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP. Jornalista e especialista em Comunicação Jornalística pela Faculdade Cásper Líbero. magalyprado@gmail.com

O artigo é um extrato do estudo do radiojornalismo produzido no âmbito da hibridização suscitada na cibercultura. A escolha foi mostrar, neste artigo, a relatoria circunstanciada de experiências de pesquisa em webradiojornalismo produzido com base em dispositivos móveis, as quais uniram geolocalização e mapeamento de ruas da cidade, transmissão e chat em streaming, além de disseminação e colaboração de ouvintes pelas redes sociais. Palavras-chave: Radiojornalismo, redes móveis, webjornalismo, dispositivos móveis, cibercultura.

Experiencereportsofhyperlocal

journalism The article is an excerpt of the radiojournalism

study produced in the scope of the hybridization evoked by the cyberculture. It was chosen to show, in this article, the detailed report of research's experiences in webradiojournalism that have mobile devices as bases, involving as well geolocalization and street mapping, streaming transmission and chat, and also the listener's dissemination and collaboration through the social networks.

Keywords: Radiojournalism, mobile networks, webjournalism, mobile devices, cyberculture.

Informes de la experiencia de

periodismo hiperlocal El artículo es un extracto

del estudio del periodismo radiofónico producido en el ámbito de la hibridación evocada en la cibercultura. La elección fue mostrar, en este artículo, lo informe pormenorizado de experiencias de pesquisa en radio periodismo de internet basados en dispositivos móviles, unidos con geolocalización y asignación de calles de la ciudad, transmisión y chat en streaming, además de la diseminación y colaboración de oyentes por las redes sociales.

Palabras-clave: Radio periodismo, redes móviles, webperiodismo, dispositivos móviles, cibercultura.

1. Tese intitulada "Radiojornalismo na Cibercultura: uma reflexão sobre as formas de partilha de conteúdos urbanos em redes móveis", defendida em 17 de outubro de 2012, no programa de estudos pós-graduados Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).



El espacio local es un espacio de experiencias compartidas y la proximidad espacial confiere a los acontecimientos un interés particular porque ha sucedido en el mismo espacio en que se mueven los potenciales receptores de los mensajes construidos por los periodistas para un medio de comunicación, que los difunde. Los datos sobre consumos informativos apuntan que los ciudadanos están interesados en conocer lo que ocurre en la proximidad. Las acciones próximas (la cercanía puede ser geográfica, social, cultural, psicológica...) a los usuarios de la información les interesan más.

(López García)

Ao se constatar que as formas atuais de se fazer rádio são insuficientes, limitadas e retrógradas, surgiu a intenção de propor um formato radiofônico inovador, tomando por base as reflexões sobre as mídias digitais móveis. Esta proposta – desenvolvida na Tese “Radiojornalismo na cibercultura - por uma nova experiência de rádio em tempos de redes sociais e hiper mobilidade” e defendida em 17 de outubro de 2012 – possui relevância na medida em que a academia poderá se colocar à frente do mercado, ao vislumbrar uma rádio produzida por dispositivos móveis (celular e GPS), articulando apontamentos urbanos geograficamente mapeados e lançados ciberculturalmente.

As mídias móveis, cada vez mais portáteis, mais enraizadas em nossos corpos, reconfiguram a indústria atual, pois incentivam o uso com propósitos comuns aos grupos de pessoas que se identificam com os mesmos gostos, com as mesmas afinidades, modificando o jeito de se expressar na coletividade. Antes, determinada audiência ouvia uma rádio ou um grupo de rádios específicas e com isso se tornava parte de uma tribo. Hoje, essa preferência pode mudar à medida que o público tem a oportunidade de enfatizar o seu gosto e o gosto comum de seus pares nas redes sociais musicais, na assinatura de audiocasts (a preferência pela utilização do termo audiocast, em vez de podcast, justifica-se pelo desatrelamento necessário da experiência em relação a qualquer marca de aparelho (Prado, 2007), ou, talvez, com a possibilidade de preparar o próprio material de difusão no sentido de melhorar esse gosto, e – por que não? propondo criar gosto na sua comunidade, na rede particular de interessados em produtos segmentados. Assim, o audinteragente pode transformar a paisagem sonora estabelecida com músicas de qualidade (obviamente, a partir de sua discussão estética), informações precisas e boas histórias, especialmente geosseleccionadas para cada ocasião em que cogitar gravar no ambiente detectado pela rede sem fio utilizada, dando tratamento inteligente ao conteúdo gerado. Cébrian Herreros corrobora esse pensamento

Se parte, pues, de una concepción muy abierta de la ciberradio con objeto de poder integrar otras innovaciones más o menos próximas y que tengan como núcleo expresivo principal el sonido. Emerge un mundo sonoro detrás de esta denominación que abarca todo el fenómeno sonoro de Internet o procedente de otras modalidades internas o externas de la Red. Todo ello es posible gracias al paso a la web 2.0 que repercute de



manera transversal en todos los grandes cambios en Internet hasta dar el salto a una nueva concepción comunicativa basada en el desarrollo de redes sociales. En este caso interesan las redessociales centradas en el audio como prolongación de la ciberradio. (Herreros, 2008:134)

É incontestável que a utilização de um sistema de navegação como o GPS é atraente, principalmente em cidades grandes, ou mesmo em cidades menores, porém desconhecidas. É atraente, sem dúvida, por conta da dificuldade de se achar os caminhos que levam aos pontos de um roteiro (preestabelecido, planejado, ou mesmo não-definido anteriormente, apenas imaginado em um roteiro mental) direcionado a metrópoles ou a lugares que são visitados pela primeira vez. Evidentemente que o GPS acoplado a um programa de rádio vai muito além de um guia impresso que mostra as ruas, ou um programa de rádio que fornece a agenda cultural da cidade, ou mesmo a imprensa, com todas as habituais informações convencionais.

Nesse sentido, serão apresentadas algumas das novas versões de como se trabalhar com as possibilidades apontadas para uma radiofonia aberta em ensaios científicos, com a finalidade de por à prova as hipóteses.

Os experimentos

As novas formas de práticas com o som que estão surgindo no mundo digital pressupõem ações das pessoas em mobilidade, porém nem sempre com cunho jornalístico ou mapeadas. Coube, então, ter a pretensão de levantar os preceitos necessários para uma forma de rádio no contexto das mídias móveis com o propósito de refletir sobre a comunicação em tempos velozes na hipermobilidade (Lucia Santaella [2007:187] cunhou o termo); e, como experimento, pensar um projeto de criação de uma programação radiofônica, no formato audiocast, que combina dispositivos móveis para transmitir microconteúdos vinculados a lugares específicos. O que se pretendeu desenvolver, como aplicação prática, foi uma programação experimental de rádio com produção baseada em aparelhos móveis, como celulares, laptops e tablets, gravada e transmitida em fluxo constante por redes sem fio. Trata-se de áudio com informações digitais, associado ao espaço geográfico.

Assim, os audiocasts dessa programação experimental foram armazenados na internet (no site nooradio.net), possibilitando sua captação e audição tanto pelos computadores, tablets ou celulares, quanto por qualquer tocador de MP3. São programas que apontam referências a localidades reais e são alojados no ciberespaço – uma forma de aliar a internet às informações das ruas das cidades.

A interatividade dos experimentos foi propiciada de maneira participativa por

mensagens de texto SMS, tuítes, postagens no Facebook, Instagram, Foursquare, em redes próprias para enviar conteúdo ligado às coordenadas geográficas, além das maneiras tradicionais nos espaços de comentários, permitindo unir as pessoas em torno das possibilidades de trilhas sugeridas. Santaella (2008: 130) levanta a questão da volta transformada da interação humana frente a frente:

Com as redes de comunicação móveis baseadas em localizações ressurgem os pontos de encontro no espaço físico de um ambiente urbano. O parâmetro da localização geográfica é assim reintroduzido, mas em atividades que continuam sendo mediadas por computador. O espaço virtual em que a comunicação ocorre é mapeado para o espaço físico habitado pelos corpos materiais dos participantes. Assim, o contexto espacial virtual é mapeado no mundo físico e o contexto espacial híbrido resultante torna-se a arena do processo interativo.

A proposta previu ainda colocar em circuito ouvintes de redes como a Blip.FM e/ou outras máquinas inteligentes para se fazer rádios investigadas no processo da criação. O estudo visou seguir os vestígios de diferentes tipos de usos de interatividade para distintas necessidades tecnológicas em permanente adaptação dessas comunidades envolvidas nas redes sociais musicais, que também estão fundidas ao Twitter. Os temas são os sinais do cotidiano, e os textos (de até 140 caracteres por postagem) podem ser enviados, compartilhando-se, assim, o que se faz ao longo do dia, de qualquer lugar em que se esteja. O ato de “tuitar” provoca um movimento de identificação de amigos quando um segue o rastro do outro. E a Blip.FM (ambiente para audição de músicas, possibilidades de se tornar DJ e relacionamento com os demais audinteragentes) faz com que todos se conheçam mais e mais, ao tomarem conhecimento das músicas escolhidas dos audinteragentes. Isso porque elas entram automaticamente (com comentários ou não), à medida que determinada música está sendo ouvida, na página do Twitter de cada qual e de cada um que o segue.

Relato 1: Walk radio hiperlocal com anotações urbanas

Em uma experiência que uniu geolocalização, redes sociais, gravação e edição em celular, foi possível colocar em prática um experimento de walk radio – audiocast móvel. No programa radiofônico, com duração de cerca de uma hora, foram ouvidas dezenas de pessoas por uma equipe de repórteres e produtores que percorreu os 2.800 metros da Avenida Paulista, onde circulam cerca de 1.500.000 pessoas diariamente, conforme dados da Associação “Paulista Viva” referentes a março e abril de 2010. Todo conteúdo produzido foi automaticamente para a web, o que levou à mobilização de variados ouvintes na rede, apesar de não ter havido divulgação maciça, pois se tratava de um ensaio.



Apesar de experiências desse tipo, o estado da arte do rádio no século XXI mostra que o veículo permanece refém de uma mentalidade tecnológica defasada. Quem produz áudio ainda não encontrou uma fórmula para se atualizar, apesar de já ser possível basear-se em patamar tecnológico mais avançado na cibercultura. Enquanto o Brasil está décadas atrasado, o relato da produção realizada de rádio vem para provar que é viável, mesmo constatando que a realidade não abraçou ainda nenhuma tentativa de sair do marasmo que assola a radiofonia. Tratou-se de vincular a urgência de fazer rádio como uma prática viva de realidade cronotópica à reverberação no espaço público de uma cidade sonorizada: São Paulo.

Em 21 de setembro de 2011, alunos da disciplina de Radiojornalismo II, ministrada por esta pesquisadora no 3º ano de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, realizaram um feito inédito, que só o futuro poderá dizer se foi um marco importante na história do radiojornalismo. Como exercício de aula, os alunos demonstraram ser possível deslocar o rumo do rádio para um sentido mais apropriado com os tempos cibernéticos, híbridos, nos quais ouvintes não se contentam mais com a velha fórmula de audição que insiste em imperar, ignorando a avalanche de ferramentas na forma de aplicativos que podem e devem permear a comunicação, tornando-a elástica e líquida.

O projeto foi dividido em duas partes: a estruturação da ideia (no começo de agosto) e, depois, o planejamento e a pré-produção. As instruções finais foram dadas apenas no dia em que o programa estava marcado para ir ao ar; enquanto parte dos alunos saiu a campo para o desafio, os demais aguardaram o retorno das coordenadas geográficas que viriam da avenida. Após uma hora no ar, a experiência ultrapassou as expectativas, pois ocorreu sem muitos atropelos e ainda deixou alguns vários perplexos. Afinal, para alguns, sair da zona de conforto do rádio tradicional, é difícil. O programa, uma experiência de webradiojornalismo geolocalizado, foi transmitido em streaming – conexão de áudio (ou vídeo) que se dá online, ou seja, pode-se ouvir (ou ver) sem a necessidade de fazer download – com chat aberto, proporcionando transparência e interatividade de pessoas de qualquer lugar, que podiam acompanhar o itinerário dos repórteres em suas andanças e que eram chamados pelos âncoras em esquema de revezamento no estúdio da Faculdade.

Este walk radio, como está sendo chamada a experiência, recebeu o título de “Paulista de ponta a ponta” O slogan escolhido pelos alunos, “Do Paraíso à Consolação” faz alusão, aos dois extremos da avenida Paulista (região central de São Paulo) mapeada desde a avenida Consolação, em uma ponta, até o começo do bairro Paraíso, na outra ponta.

Essa foi uma experiência do hiperlocal ao tratar da cobertura de uma região geográfica específica, tendo os jornalistas a colaboração dos moradores e/ou frequentadores. No caso da Avenida Paulista, o número de moradores gira em torno de 5.000, segundo o site da Associação Paulista Viva. O webradiojornalismo proposto teve como tema a Paulista, uma das principais avenidas de São Paulo, para o experimento de topofonia

na mobilidade. Os dois lados da avenida (o ímpar e o par) foram totalmente esquadri-
nhados, tendo um produtor trabalhando com cada grupo de três repórteres para cada
divisão em suas 18 quadras. Na íntegra, podem ser vistos os pontos das reportagens.

Transmissão conforme a caminhada pelos números da avenida

O walk radio jornalístico foi previamente produzido com a demarcação dos pon-
tos de acesso. Assim, os especialistas, que seriam entrevistados, estavam a postos em
seus estabelecimentos ou locais escolhidos para entrar no ar, e responder às perguntas
dos repórteres. O programa seguiu a ordem dos números da avenida. Já as persona-
gens – pessoas comuns que frequentam a avenida e passavam ou estavam nas localida-
des reportadas – foram chamadas na hora da transmissão. O mesmo aconteceu com o
“fala-povo” ou seja, enquetes feitas ao longo da programação, sempre de acordo com a
numeração da avenida.

A pré-produção fez o mapeamento e agendou as entrevistas. Nas semanas ante-
riores, no roteiro por meio de um arquivo no Google Docs, foram levantadas as pautas
possíveis de conteúdos geocalizáveis e o que poderia ser reportado, no intuito de se
ter um bom balanço dos assuntos. As editorias de Cultura, Cotidiano, Entretenimento
e, evidentemente, Cidades foram determinadas para pautar os temas. Assim, elas varia-
ram entre pontos culturais, como a Casa das Rosas, o Museu de Arte de São Paulo, o
Instituto Itaú Cultural, com suas agendas de eventos, ou mesmo acontecimentos cultu-
rais ao ar livre, como a exposição Rinomania, mostrando diversos rinocerontes espalha-
dos pela avenida, e ainda diversas opções de lazer, como o parque Trianon, ou sugestões
de restaurantes e filmes em cartaz na orla dos cinemas. Situações rotineiras, como, por
exemplo, apurar como está o policiamento da esquina mais violenta, a da Avenida Briga-
deiro, foram checadas, e os números de incidentes apurados com as autoridades, assim
como avisar sobre um sebo bem escondido com livros raros. Ir saciando curiosidades,
quarteirão por quarteirão, sobre os prédios mais altos ou descobrir o que mais se vende
nas bancas e lojas de uma das avenidas mais movimentadas da cidade também foram
questões incorporadas.

Cobertura feita com dispositivos móveis

O mais importante, no entanto, não foram os temas abordados no walk radio,
mas como se deu essa cobertura móvel com ferramentas geolocais. O fato de ter sido
esmiuçada pelos repórteres com depoimentos que ocorreram ao vivo, pelo celular, ilus-
trou muito bem o propósito de navegação entre os pontos. Enquanto os repórteres es-



tavam em campo, coube aos âncoras contextualizarem a avenida, com notas históricas, alternando cada reportagem que entrava no ar ao vivo com as que chegavam gravadas – colhidas no horário do jornal e enviadas pelo próprio celular por e-mail, logo após o momento exato em que foram gravadas na rua. Esse tipo de cobertura foi o ponto alto dessa experiência.

Ninguém precisou de equipamentos muito sofisticados. Na maioria dos smartphones, é possível gravar. Eles possuem microfone acoplado que grava voz, proporciona edição (básica) e possibilita o compartilhamento. Nessa experiência, o compartilhamento se deu com a equipe de edição que cortava os áudios para que entrassem no programa no instante em que ocorria o radiojornal.

Na rua, cada repórter entrava no ar no seu ponto de partida com uma matéria ao vivo e, posteriormente, gravava outra reportagem na sequência, que era enviada aos editores de plantão no estúdio. Estes tinham de cortar o excesso no intuito de tornar as sonoridades curtas o suficiente para dar mais dinamismo ao programa. Assim, as reportagens que entravam ao vivo tinham um tempo com um pouco mais de um minuto ou um minuto e meio, pois contavam com a participação dos âncoras.

Intercalar, como camadas de informação geolocalizadas, matérias ao vivo e as recém-gravadas em trânsito, dava fôlego para que a equipe de reportagem se posicionasse novamente para espaçar a próxima entrada. Entre um repórter e outro, os âncoras liam notas frias (porém pertinentes) para não deixar o programa datado. Aliás, o jornal inteiro foi pensado com assuntos que conseguissem ficar quentes por um bom tempo para quem quisesse ouvir fora do streaming.

Todo o walk radio contou com a paisagem sonora da própria avenida nas reportagens que entravam no ar, e a parte da ancoragem ganhou BG (música de fundo) previamente escolhido (de forma a combinar com o tema) para compor o programa. Músicas selecionadas pelos alunos da equipe responsável, que foi instruída a não utilizar trilha branca (o que comumente rádios comerciais usam e deixam todo e qualquer programa repetitivo) trouxe mais personalidade musical ao programa. É bom frisar que a parte técnica (sonoplastia) também foi comandada pelos alunos.

Broadcast now

Como o streaming foi feito pelo aplicativo Flipzu, que simultaneamente posta (como aviso) o início da transmissão no Twitter ou no Facebook, ou nas duas redes sociais, se estiverem linkadas, a divulgação entre os seguidores de quem tem conta nessas redes trouxe, de forma virótica, ouvintes variados, principalmente de quem “retuita” (o tuíte é retuitado quando alguém achou por bem replicar o que foi escrito por outra pessoa) ou curte a chamada para a audição (o post automático) como diálogos repercutidos. Quando isso ocorre, basta manter a conversação com quem se manifesta pelo chat

como retorno providencial, garantindo audiência. Porém, grande parte de quem ouve não costuma escrever no chat, o que se constata, depois da transmissão, em razão do número infinitamente maior de quem ouviu.

Redes sociais também servem para reverberar o que está acontecendo ao vivo. Os alunos criaram o Casperwalk, um hot Twitter (espécie de conta no Twitter que somente fica aberta para divulgar ações antes, durante e apenas alguns dias depois do programa ter ido ao ar, em 21 de setembro de 2011).



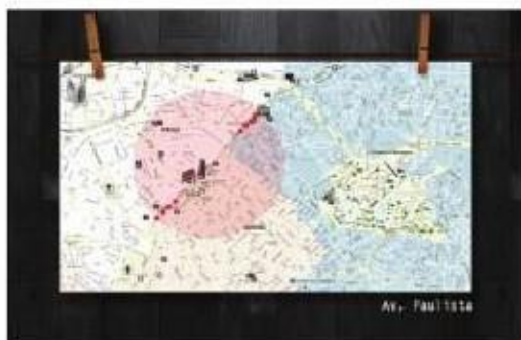
Twitter Casperwalk

A ideia de colocar o programa em um ambiente como o Tumblr, ou outra plataforma de blogs, serviu não somente para fazer upload do áudio de cada lado da avenida, como também para incluir os áudios de cada reportagem, separadamente, direcionado a quem quisesse ouvir apenas uma reportagem ou outra (é possível ver e ouvir os áudios no audioblog criado pelos alunos ou ainda no site da nooradio.net). Nesse caso, um mapa mostra os marcadores (o ícone é parecido com um pingou, ou pode ser usado o desenho de um pin) clicáveis no exato local onde estão as matérias. Ao clicar, ouve-se o áudio específico do lugar escolhido. O audioblog também abriga o chat que esteve aberto enquanto o streaming se deu com o áudio, bem como pode, com o áudio gravado, proporcionar a continuação da conversa, discussão ou mesmo novas ideias de pautas, de forma infinita e permanente.



Paulista de Ponta a Ponta

OUÇA O PROGRAMA COMPLETO



Paulista de Ponta a Ponta, Turma 30-A:



Paulista de Ponta a Ponta, Turma 30-B:



Print de parte da homepage do blog “Paulista de ponta a ponta”

Foursquare como ferramenta jornalística de apuração

A geolocalização é a “coqueluche” do momento na internet móvel, com as redes sociais afloradas como ponto alto dos últimos cinco anos no espaço onipresente da sociedade conectada. É interessante lembrar que redes como o Twitter, por exemplo, nasceram com o propósito de oferecer a possibilidade de postagem ambulante através dos smartphones.

Sabemos também que o ato de tuitar, apesar de fixar um limite de, no máximo, 140 caracteres por tuíte, requer do nosso olhar atenção para a telinha do celular. Porém, desenvolvedores de aplicativos pensaram no que poderia ser um risco entre aqueles

que por ventura pudessem tropeçar em algo não visto no chão e criaram o programa Walk MSG para tuitar andando, no qual o visor da tela aciona a câmera fotográfica do celular, permitindo que se enxergue a imagem do chão enquanto se anda, digita e manda mensagens ao mesmo tempo. (Ferreira; Prado, 2010)

Porém, como a cada dia surgem novidades, gerando alvoroço no panorama da tecnologia móvel, o boom atual já não é somente o relacionamento entre pares, nem apenas a possibilidade de contar fatos corriqueiros, mas consiste em localizar onde se está, a partir de coordenadas geográficas de seu entorno, e, com isso, temporalmente compartilhar informações "aumentadas" vinculadas aos lugares frequentados, com a ajuda de ferramentas como o GPS.

Check-in: tensão entre localização e mobilidade

Em um próximo passo, a intenção é que os repórteres e/ou a produção, que acompanha as matérias na avenida, façam check-in em cada local. Nesse caso, pode ser usado o aplicativo Foursquare, ou outro similar que geolocalize o exato local de forma automática, restando, assim, apenas oferecer informações complementares, como o nome da pessoa que está sendo entrevistada ou impressões geradas na cobertura. O ideal seria se todos os entrevistados (as fontes) também fizessem o check-in. Assim, a equipe de reportagem poderia afinar a logística do encontro para a realização do trabalho de reportagem.

O uso de aplicativos como este pela produção é providencial para saber, de antemão, se o local que será reportado está com frequência de pessoas que poderão fornecer depoimentos como personagens. Em alguns casos, é possível descobrir quem são essas pessoas antes mesmo de abordá-las, caso elas informem dados em seus perfis. Como o Foursquare aponta por meio dos badges quem é a pessoa que mais frequenta determinado local e mesmo quem comenta mais, é possível entrar em contato e repercutir exatamente com quem sabe mais sobre o lugar. Não é preciso chegar ao extremo e ir à procura do "prefeito" do local (usuário que mais checka nos lugares), embora a prerrogativa não deva ser descartada. Sem contar que as pessoas que mais visitam determinadas localidades, por vezes, podem nos fornecer informações precisas de quem é habituê. O que, por tabela, pode nos render sugestões de pauta (de assuntos) e de perguntas.





Internet pingando nos lugares

Coincidência ou não, o Foursquare chega exatamente na tendência de voltar ao mundo físico, porém sem deixar de vinculá-lo ao virtual, como a apropriação da “internet das coisas” – expressão recorrente para chamar quem está dentro e fora da internet –, ou mesmo da “internet pingando ou vazando nas coisas ou nos lugares” movimento deflato, grado no final da década passada, tendo Kevin Ashton como aquele que cunhou a expressão em 1999. Santaella discorre sobre as origens das redes móveis marcando os locais:

O ur-texto das propostas locativas, antes mesmo da existência desse nome, encontra-se no Manifesto Headmap, no qual, já em 1999, Ben Russell lançava ideias utópicas e inspiradoras que o tempo só confirmaria. Com o mote de que a internet já estava começando a “pingar no mundo real”, o manifesto alertava para o enriquecimento de nossa experiência espacial pela sobreposição de camadas de informação – imagens, textos, sons – disponibilizados por dispositivos móveis e computação sem fio habilitados com GPS e alimentados por intenso espírito comunitário. (Santarella, 2010a: 122)

Lemos (2009) afirma não se tratar mais de conexão em “pontos de presença” mas, de expansão da computação ubíqua em “ambientes de conexão” em todos os lugares, que se deve definir, de agora em diante, “como uma complexidade de dimensões físicas, simbólicas, econômicas, políticas, aliadas aos bancos de dados eletrônicos, dispositivos e sensores sem fio, portáteis e eletrônicos, ativados a partir da localização e da movimentação do usuário”.

É prudente notar que, enquanto Lemos chama esta nova territorialidade nos lugares de “território informacional” Santaella (2008) prefere o termo “intersticial” “Uma, vez que a tendência desses espaços híbridos é a de dissolver as fronteiras entre o físico, de um lado, e o virtual, de outro, criando um espaço próprio que não pertence nem propriamente a um, nem ao outro, tenho chamado esses espaços de intersticiais.”

Chega o Foursquare com a iniciativa exatamente para se incumbir de dar vazão a esse anseio de mostrar a todos (entrecruzados nas redes sociais, que possuem mecanismos de postagens automáticas em variadas plataformas simultaneamente, sejam elas Twitter, Facebook, LinkedIn etc.) as informações de localização com horário, mapa e comentários (críticos ou não) do lugar apontado, no caso, o check-in, atualizando o perfil virtual. Assim, proporcionar, aos que seguem e são seguidos, reciprocidade de sugestões ou microrresenhas críticas.

O intuito é o de mostrar as novas formas possíveis de se relacionar com base nos meios móveis, utilizando ferramentas amigáveis em esquema coletivo com a participação de usuários (Leão & Prado, 2009). Quando alguém acessa o mesmo ponto, recebe as checagens de quem já esteve lá e postou comentários, o que pode ou não alterar seu destino. Às vezes, ocasiona a reação de outras pessoas que frequentam o lugar, concor-

dando ou não com as opiniões, incluindo novas e mais informações. “O lugar não é mais um problema para acesso e trocas de informação no ciberespaço „lá em cima” mas, uma oportunidade para acessar informação a partir das coisas „aqui em baixo”” reforça, Lemos (2009: 162).

A maneira de se situar em trânsito, oferecendo anotações urbanas, extrapola a mera informação do paradeiro das pessoas, de sugestões de onde ir próximo ao local em que se está, ou mesmo de provocar encontros físicos, juntando aqueles que estão por perto – o que já comprova a utilidade do serviço. Mas aplicativos enredados a dispositivos móveis apoderam-se de outras possibilidades, como miragens.

Em vista disso, Santaella (2010) sintetiza ao lembrar que “as antigas fricções da distância desaparecem, para fazer surgir a ubiquidade em seu lugar. Borram-se, assim, quaisquer fronteiras entre vida privada e pública, entre dentro e fora, entre aqui e lá” Ao se levar em conta que não basta mais apenas a atitude pessoal, a autora acrescenta de forma perspicaz.

Da intersecção resultam complementações, trocas e sobreposições entre a mobilidade física e a virtual, que estão trazendo inesperados significados para espaço e lugar e que podem ser sintetizados nas expressões “mobilidade contínua” e “conectividade permanente”.

Outros aplicativos específicos de geolocalização foram lançados na esteira do Foursquare, como Gowalla, Birdfeed, Seismic Web e, ainda, segundo os dados da revista Época Negócios, de outubro de 2010, outras redes atuantes. O Twitter lançou, em março de 2010, um recurso que identifica onde o autor está quando publica a mensagem; o Facebook colocou uma ferramenta em que seus mais de 500 milhões de usuários compartilham sua localização na rede social; o Google possui o Latitude, cujo compartilhamento se dá em um mapa digital, no ar desde fevereiro de 2009, e tem mais de 3 milhões de usuários.

Webcam registra a performance

Uma próxima edição do walk radio “Paulista de ponta a ponta” poderia contar com uma webcam posicionada no estúdio para ficar à disposição dos curiosos em relação à equipe, bem como webcam acompanhando as andanças dos repórteres pela avenida no ato das reportagens. Nesse caso, o audioblog poderia conter janelas de visualização interna e externa. Uma das câmeras da parte interna mostrando a mesa com os âncoras e os produtores transitando, uma segunda câmera mostrando a parte dos sonoplastas e trilheiros trabalhando depois do vidro que os separa (a experiência foi feita em estúdio tradicional) e uma terceira, com os editores. Uma quarta janela mostraria a câmera

acompanhando os repórteres na rua. Como as câmeras da reportagem seguem a ordem da numeração da avenida, ela poderia ser passada de mão em mão pelos produtores, conforme as matérias vão sendo feitas, como a passagem de um bastão. Nesse caso, o internauta poderia escolher ver uma das quatro janelas abertas simultaneamente.



Os alunos Liz Terra e Narlir Galvão como âncoras no aplicativo Instagram.



Os alunos em álbum na rede social de fotos Flickr.

Pós-produção e espaço colaborativo no mapa animado

O mapa online e dinâmico funciona também como mídia. Traz os marcadores dos locais reportados com seus áudios correspondentes, colocados logo após cada radiojornal, apontando suas posições no espaço delimitado da cibercidade; nessa experiência, a Avenida Paulista. Os áudios podem ser ouvidos de forma separada ou no rastro do programa, como se traçasse uma memória cotidiana do que acontecia naquele lugar, naquele dia específico.

Ícones que distinguem restaurantes de lojas, prédios, serviços, hospitais etc. serão incluídos no mapa animado para melhor visualizar de que trata cada reportagem. Ao clicar e ativar o ponto selecionado para ouvir os arquivos de áudios separadamente, ou ainda se a escolha for ouvir o programa completo, que mapeia a avenida inteira, os internautas podem comentar, se houver uma caixa de comentário, sobre os lugares com impressões de quando estiveram lá ou, caso contrário, demonstrando vontade de frequentá-los. Podem também postar críticas, dicas, recomendações dos lugares apontados, e, assim, proporcionar, aos que seguem e são seguidos, reciprocidade de sugestões ou microrresenhas. E por que não? até provocar encontros físicos, marcando com demais internautas rastreados por GPS. Lemos (2008) comenta sobre possibilidades mapeadas em seu blog “Carnet de Notes”:

Novos mapas, abertos e colaborativos, como o projeto <openstreetmap.org>, permitem uma “liberação da emissão”, típica das mídias de função pós-massiva contemporâneas.

Emerge uma possibilidade de construção de novos discursos e de sentidos outros que aqueles que emanam dos centros de poder instituídos. Os mapas, como sabemos, sempre foram produzidos por técnicos a serviços de governos e de projetos militares de conquista e expansão de territórios. Hoje, cruzamentos de dados, mashups, web 2.0, mídias locativas estão criando formas bottom-up e colaborativa de discursos e usos (processos de espacialização, de construção social) do espaço, em meio a uma commoditização crescente da “mobilidade” e de “serviços baseados em localização”. Ou seja, o uso dos processos tecnológicos na constituição do espaço, do lugar, da vida social.

Grafite sonoro com QR Code

No Brasil, o uso de QR Code ainda é incipiente, de 2007 [quando surgiu em primeiro lugar na publicidade] para cá, apesar do número alto de celulares, nem todos possuem câmeras. Números de celulares no Brasil dão conta de que o Brasil fechou o mês de março de 2013 com 264, 05 milhões de linhas na telefonia móvel. Os dados são da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações.

Outro passo ainda possível na produção de experimentos é colocar em prática o grafite sonoro no início da avenida para dar o início a um audiopasseio até o final dela e



em cada marcador com sua reportagem. Basta que o áudio completo, ou cada reportagem, separadamente, ganhe uma URL. Com o endereço eletrônico, pode-se obter um QR Code, nos softwares que proporcionam isso. Depois, é possível fazer máscaras do código binário e, com um spray, pichar o marco zero (que, na verdade, não é zero porque a avenida começa no número 7) e os locais que possuem audiorreportagem. Pessoas que não ouviram o radiojornal “Paulista de ponta a ponta” no dia da transmissão por, streaming, poderiam acessar o QR Code pelo celular e obter o que estou chamando de “informação aumentada” (em alusão ao termo realidade aumentada) e, assim, ouvir as reportagens e até mesmo ver as fotos dos repórteres, vídeos dos bastidores do estúdio com a equipe trabalhando etc. Como QR Code só faz sentido colocado fora da web para ser acionado por dispositivos móveis (smartphones, tablets) e, assim, acessar-se a web, o audioblog não estampa os códigos. Eles ficariam apenas grafitados nas paredes do entorno do local reportado. Em desdobramento, mais informações podem ser incluídas para ativação pelos aparelhos móveis, como dados sobre os lugares, monumentos, estabelecimentos. Ou seja, será possível, se a produção for adiante, ouvir a história com datas, fatos marcantes, curiosidades, dimensões etc. fornecidas pelo próprio local, que poderá ter interesse em fazer parte desse trajeto jornalístico ou especializado em turismo.

É viável transmitir o “Paulista de ponta a ponta” simultaneamente, em uma rádio, no dial (AM ou FM) com o streaming na web alojado em um audioblog, mostrando, assim, reportagens em um espaço físico, levadas ao ciberespaço com pessoas participando ao vivo pelo telefone, pelo chat durante a transmissão, na possibilidade de coprodução online, ou somente pelo chat, após o programa ficar disponível na web.

Relato 2. Exercício hiperlocal multimídia pingando no mapa

Em uma experiência multimídia no curso de jornalismo da FIAM/FAAM (antiga FMU), de São Paulo, alunos do último ano da graduação realizaram exercícios de jornalismo hiperlocal. Cada grupo de alunos escolheu uma região e as reportagens geolocalizadas foram incluídas com pins demarcados em mapas da ferramenta Google Maps. A ideia foi entender a emergência dos novos formatos de webjornalismo dos últimos anos e repensar a estrutura da reportagem comum na web, transformando-a, neste caso, em uma matéria com visualização de um entorno esquadrinhado para possibilitar informação aumentada, reconhecendo a necessidade de oferecer mais conteúdo para quem transita pelo local escolhido, e, de quebra, deixá-lo armazenado no banco de dados digital (a rede).

Evidentemente que não se trata de substituir os formatos tradicionais de reportar os quatro cantos da cidade; nem de substituir ou relegar. Volta-se, à velha máxima de que um meio não substitui outro, apenas convive lado a lado com o anterior, ou sobreposto a ele. Se anteriormente as reportagens ficavam estáticas no papel, inclusive apresentando muitas vezes mapas (recortes de mapas, obviamente), agora a visualização

deixa de ser apenas visualização e passa a ser visualização aliada à navegação, ao dar ao internauta a possibilidade de “passear” pelo mapa indo para frente, para trás, para os lados e ampliando a região o quanto quiser. Portanto, a experiência de mapear uma região para mostrá-la não é exatamente mostrá-la melhor, mas, de outro ângulo, ou de seus vários ângulos, ou seja, proporcionar (e entender, já que são experiências) novas formas de consumo de informação, distribuição e estocagem dessas informações.

A localização geográfica de conteúdos por meio de plataformas como o Google Maps é uma das tendências mais fortes do jornalismo. Entender seu potencial e saber interpretar e construir os mapas também são habilidades muito valorizadas em um jornalista (embora já seja aproveitada também por blogueiros e jornalistas cidadãos). (Manual de ferramentas Google para jornalistas. Busca e apuração). (2010)

É possível acreditar, em hipótese, que, em futuro breve, quando alguém entrar (para ouvir, ler ou ver) em uma reportagem, ela terá como praxe sua visualização em mapas à disposição. O conteúdo a ser reportado pode até ser o mesmo de uma reportagem convencional, o que muda é a possibilidade de enquadrá-lo em mapas, contribuindo para refinar a memorização. É fato que o termo “enquadrar” é demasiadamente forte para demonstrar a experiência do mapeamento, pois sugere algo preso em um quadrado. Porém, a proposta é oposta, é exatamente a da reportagem móvel aberta e, ao informar o entorno, ela pode crescer infinitamente, com cada vez mais referências, se houver ajuda dos colaboradores com a confiabilidade de quem esteve lá para atestar o que presenciou.

Uma das características que multiplicam o potencial desta ferramenta de criação de mapas é a colaboração. Qualquer pessoa pode gerar um mapa que será aprimorado por vários colegas ou por centenas de cidadãos. (ibidem)

Aos alunos da FIAM/FAAM foi sugerido trabalhar com demarcação no mapa dos lugares reportados, um deles o <maps.google.com.br>. E para exemplificar este estudo, foi escolhido o grupo que esquadrinhou a praça Benedito Calixto, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo. A ferramenta possui tutorial que explica como criar o mapa e postar as reportagens em diferentes mídias no mapa:

Clicar em Criar novo mapa, inserir um título e uma descrição e convidar os colaboradores do mapa (ou defini-lo como público). O endereço poderá ser divulgado no Twitter, no Facebook etc. Os colaboradores poderão inserir informações sobre os lugares desejados, além de avaliar o mapa e escrever comentários. (ibidem)



O mapa com os ícones pingados nos locais

Onde emerge a marcação das reportagens é possível ver ícones que a própria ferramenta fornece para especificar o tipo de lugar (restaurante, café etc.). Os áudios possuem o símbolo de corneta (identificador usual de áudios) dentro de um círculo. Ao clicar na corneta, aparece a imagem de um microfone e, ao clicar nele, ouve-se a reportagem em áudio. O ideal, a princípio, é clicar e ouvir direto; porém, o exercício foi verificar as várias possibilidades. A hospedagem usada foi realizada com o agregador de áudios PodcastOne <podcast1.com.br>. O primeiro exercício ainda não está liberto dos autores, os alunos. A ideia é deixá-lo livre para receber a opinião e demais informações dos cidadãos moradores ou que frequentam a localidade. Sabe-se que ocorre, em muitos casos, duas frentes com que é importante lidar a cada nova empreitada que reúne colaboradores: de um lado, quando a experiência é a primeira realizada, caso do pioneirismo dos alunos da FIAM/FAAM, consequentemente surgem arestas a aparar. De outro lado, há a resistência em deixar que toquem no original.

Relato 3. Radiojornalismo hiperlocal temático

É certo que o jornalismo local sempre existiu e, com o ciberespaço, o surgimento do jornalismo hiperlocal se tornou um dos rebentos mais ricos do webjornalismo, ou do jornalismo 2.0. Na outra ponta, o jornalismo internacional realmente

ganhou espaço por conta da facilidade de ser reportado com o advento da web (aberta), suas ferramentas (amigáveis) e seus dados à disposição. Jornalistas não dependem exclusivamente de agências noticiosas do exterior, apesar de elas existirem ainda, como, por exemplo, as conhecidas France Press, Reuters, Efe etc. Correspondentes internacionais também continuam existindo, mas não são os únicos a contar as histórias que acontecem pelo mundo. Muito pelo contrário, hoje existe a parceria dos cidadãos em qualquer cidade, no papel de informantes.

Com o boom do jornalismo sem fronteiras, no qual todos conseguiam, muito rapidamente, quase em tempo real, obter as informações dos fatos e dos acontecimentos de todos os cantos do planeta, leitores-internautas passaram a pedir um retorno de noticiário sobre sua cidade, seu bairro, sua rua (com ênfase no possessivo). A saturação e a consciência de que tudo está ao alcance das mãos, melhor dizendo, na ponta dos dedos, que deslizam pelos tablets, permitindo acesso às notícias internacionais dos melhores jornais do mundo (ou, pelo menos, daqueles que se escolhem para ler, ao personalizar páginas que os agregam), leva ao questionamento se estão entregando informações sobre o entorno, a quadra. Esse tipo de consumidor quer saber o que acontece na porta da casa dele. Alguém noticia? Como mencionado, essa vontade de saber sobre a comunidade de cada um ganhou forte presença, nos últimos anos, com o nome de hiperlocal, pois incorpora a participação dos moradores, frequentadores dos locais, entre outras características. Portanto, é pertinente trazer as palavras de García para assegurar pressupostos do jornalismo local e constatarmos a similaridade com os experimentos.

Ao longo da história do jornalismo, o fator de proximidade geográfica tem configurado como um eixo como uma espinha dorsal dos conteúdos. Não há dúvida que a proximidade é um fator chave para que muitos meios de comunicação exerçam um papel de conexão entre as pessoas e a sociedade em que vivem. (García, 2008: 9, tradução nossa)

Pode-se, neste ponto, passar para outro relato: a experiência com os alunos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) foi bastante enriquecedora. Por se tratar de um período conturbado pelas manifestações grevistas, (final de 2011), era para não dar totalmente certo. Porém, o acolhimento à continuidade do curso foi bem tranquilo e os alunos, motivados por poderem falar do tema da greve no trabalho, realizaram uma experiência de webradiojornalismo hiperlocal, como os alunos da Faculdade Cásper Líbero e os da FMU/FIAM, relatados anteriormente, com a diferença de que este foi temático. Como o tema era a greve da USP que acontecia no momento, ao contrário dos demais estudantes – fora das salas de aulas por conta da



greve –, os alunos de radiojornalismo eram quase os únicos a planejar, pautar, produzir e, depois, gravar com streaming e webcam ao vivo para quem quisesse saber ou entender os (reais) motivos do movimento estudantil.

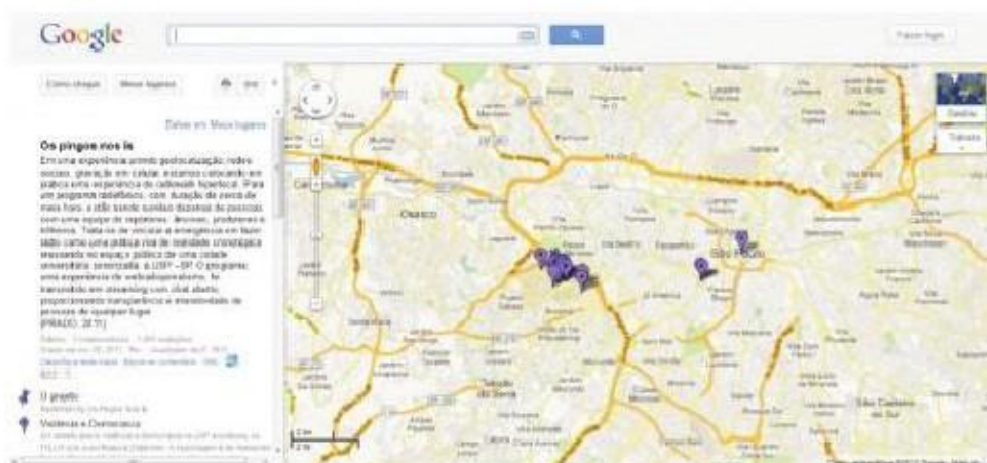
Foi dado o nome “Os pingos nos is” ao programa. E exatamente como diz a expressão, a ideia era tentar explicar as circunstâncias que provocaram a greve e deixar claro que não era um movimento sem importância como vários veículos da mídia estavam apregoando. Munidos do sentimento de revolta com a própria categoria, os futuros jornalistas (alguns já exercendo a profissão em estágios) prepararam um programa no qual todos os pontos eram levantados e todos os lados, ouvidos.

O entorno, a princípio esquadrinhado na própria ECA, foi ampliado para a cidade universitária inteira, já que a proposta foi falar de um tema que envolvia a USP como um todo. Assim, com o exercício, foi inaugurada uma nova modalidade de audiocast, a que envolve uma comunidade que frequenta um campus universitário, no caso, o que é chamado Cidade Universitária Armando de Sales Oliveira (o nome do fundador da universidade, o então interventor do Estado, político liberal paulista), localizado no bairro do Butantã, na zona oeste da cidade de São Paulo.

Para hospedar o programa “Os pingos nos is” foi criado um ambiente na plataforma, tumblr, no endereço eletrônico: <ospingosnosis.tumblr.com/>. Na apresentação (no site do projeto), um resumo do projeto:

Em uma experiência unindo geolocalização, redes sociais, gravação em celular, estamos colocando em prática uma experiência de walk radio hiperlocal. Para um programa radiofônico, no formato audiocast, com duração de cerca de meia hora, estão sendo ouvidas dezenas de pessoas com uma equipe de repórteres, âncoras, produtores e trilheiros. Trata-se de vincular a emergência em fazer rádio como uma prática viva de realidade cronotópica ressoando no espaço público de uma cidade universitária sonorizada: a USP, de São Paulo. O programa, uma experiência de webradiojornalismo, será transmitido em streaming com chat aberto, proporcionando transparência e interatividade de pessoas de qualquer lugar – uma vez que estará na rede. O mapa online e dinâmico postado no Tumblr funciona como mídia própria e terá espaço para opiniões dos ouvintes. A cartografia traz os marcadores dos locais reportados com seus áudios correspondentes colocados logo após cada reportagem apontando suas posições no espaço delimitado da cibercidade universitária. Os áudios podem ser ouvidos de forma separada ou no rastro do programa como se se traçasse uma memória cotidiana do que acontece naquele lugar num momento específico. Trata-se da internet pingando ou vazando nas coisas, movimento deflagrado no final da década passada.

A tela do Google Maps está disponível no endereço <<http://ur1.ca/ae9be>>, que abrigou (e abriga) o mapa com os pins fincados nos lugares onde foram feitas as entrevistas, indexando dados digitais a cada lugar determinado.



Os pins no mapa da plataforma Google Maps

- Estatuinte e Estatuto da USP**
Uma das grandes reivindicações da greve dos estudantes é uma estatuinte: o atual estatuto da USP, de 1934, é considerado autoritário e antidemocrático. Reportagem de Mariana Pastore. Escute: 2...
- Ato na Av. Paulista**
Cerca de mil estudantes se reuniram na quinta-feira, 24 de novembro, em um ato pela democracia na Avenida Paulista. A reportagem é de Alexandre Dall'Ara. Escute: Ato na Av. Paulista - Alexandre
- Entrevista - Jamel Jamal**
O palestino Jamel estava presente no ato da Paulista na última quinta-feira e comentou a relação do movimento da USP com os outros que estão acontecendo ao redor do mundo. Por Alexandre Dall'Ara. Escute: 5...
- Mídia e Ocupação**
Veja as opiniões dos jornalistas Cristiana de Moraes Castro, do Fô de 3 Paulo, e Paula Moreira Leite, da Revista Época, a respeito da cobertura feita sobre a questão estudantil na USP. Por Mariana...
- Rodas: persona non grata**
João Grande Rodas foi declarado persona non grata pela Congregação da Faculdade de Direito. Reportagem de Yasmin Abdalla com os últimos acontecimentos do caso. Escute: Persona non grata - Y...
- Especialista discute alternativas de segurança para a Cidade Universitária**
André Zaretto, especialista em segurança pública, discute alternativas de segurança para a Campus. Por Rafael Ciccati. Escute: Especialista discute alternativas de segurança para a Cide...

Lista das reportagens que aparece no Google Maps.

O programa “Os pingos nos is” incluiu quadros de humor, quando satirizavam a própria situação, potencializando as características do movimento, quando sobrepõe informações deglutidas do cotidiano, nesse caso, tornadas cômicas. Além do radiojornalismo tradicional, baseado em entrevistas, coleta de depoimentos e sondagens, o programa deu espaço a crônicas (sempre levando em consideração o tema da greve), mostrando interfaces dialogáveis, quando o cronista, morador do Crusp (alojamento da USP), conversava com os âncoras do programa sobre sua reconstrução do real.

A transmissão, no dia do programa, aconteceu via streaming pelo aplicativo Flip.zu, via webcam e pelo Twitter. Internautas participaram do chat aberto, sina-

lizando que estavam ouvindo e fazendo pedidos de mais quadros de humor. A ferramenta funcionou a contento: a interação se deu na medida em que a “conversa” aconteceu. Lopez García, que utiliza o termo “cibermedio” sintetiza o que se entende desta prática:

Cibermedio local: aquel emisor de contenidos sobre el ente local que tiene voluntad de mediación entre hechos y público, utiliza fundamentalmente técnicas y criterios periodísticos, usa el lenguaje multimedia, es interactivo e hipertextual, se actualiza y se publica em internet. Em este planteamiento, el „ente local” es el ente que existe o puede existir em um lugar – em um espacio y em um tiempo determinados – y para uma comunidade, definida em términos de identidad compartida y a partir de la relación “seguridad-libertad”. (García, 2008: 64)

No perfil do Twitter, as chamadas alimentavam o que estava acontecendo em tempo real, no estúdio, com as entradas das reportagens ao vivo, com as pessoas envolvidas na comunidade USP. Navegação curva a curva, mapeando o entorno da cidade universitária no dia 26 de novembro de 2011.

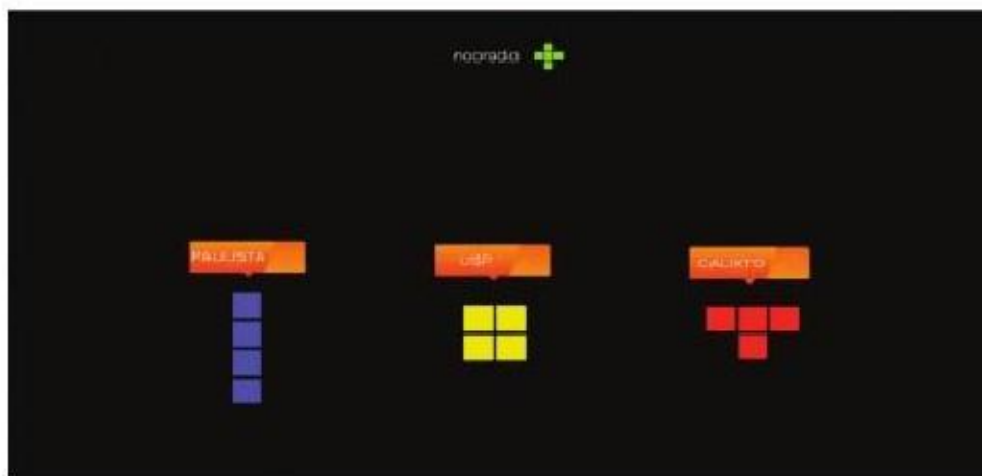


Timeline do hot Twitter criado pelos alunos na ocasião do programa

O site “nooradio” com os relatos

O site “nooradio” foi desenvolvido no decorrer da pesquisa, como uma espécie de capítulo, mas em forma digital. Ele hospeda os três experimentos realizados para este estudo. O site está no ar com domínio próprio no endereço <<http://nooradio.net>> e pode ser acessado para audição de todos os áudios dos experimentos.

A homepage traz os três experimentos assim denominados: Paulista – de Avenida Paulista, dos alunos da Faculdade Cásper Líbero–, USP – dos alunos da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo – e Calixto – de praça Benedito Calixto (zona oeste de São Paulo), dos alunos da FIAM/FAAM.



Homepage do site nooradio com os símbolos dos três experimentos em alusão ao jogo Tetris.

A página da Avenida Paulista mostra o nome “paulista” abaixo do nome do site nooradio. Isso acontece nas demais páginas. O mapa, mantendo a forma geográfica escolhida, traz ao fundo o próprio mapa da Avenida Paulista. No canto direito, os símbolos (clicáveis) dos outros experimentos, o mesmo acontece nas outras duas. A página da praça Benedito Calixto segue a mesma linha da Avenida Paulista, o mapa de fundo, os pins fincados no mapa e os símbolos das demais no canto direito abaixo. A página da USP também segue as premissas das outras duas e mostra o entorno da área da Universidade de São Paulo, por onde a equipe de reportagem passou.

As equipes de produção, tanto da Cásper Líbero quanto da ECA/USP, aparecem no site nooradio em vídeo e foto, respectivamente. Já a equipe da FIAM/FAAM não está registrada com imagens. As páginas, contendo os áudios da Avenida Paulista, da Cidade Universitária e da Benedito Calixto, foram hospedadas na plataforma Soundcloud, com os áudios distribuídos nas respectivas páginas de cada experimento.

Este artigo pinçou experimentos dos estudos para o doutorado. Concentrado em radiojornalismo na cibercultura a partir de uma investigação sobre as formas de inserção de conteúdos urbanos em redes móveis – buscou apoio no tripé jornalismo, rádio e arte, com as variantes webjornalismo, rádio feito pelo celular e audioarte. Jornalismo, por ser a profissão da autora, rádio, a paixão, e arte, o que move a vida, seja profissional



ou pessoal (hoje mais misturada do que nunca). Foi interessante notar que o radiojornalismo proposto no início deste estudo é produto da cibercultura, inspira-se na arte e se utiliza das tecnologias digitais móveis para existir e chegar (muito) perto das pessoas, ouvintes e/ou colaboradores em suas localidades cotidianas.

Após esta pesquisa com o reconhecimento do estado da arte da rádio, do celular e do webjornalismo, aproximando-se e distanciando-se o tempo todo da arte da deriva, da mobile art e do real time web (nowism), entre outras vertentes imbricadas aos temas caros a este estudo, não seria possível o trabalho apenas com o radiojornalismo tradicional (mesmo aquele que usa celulares e os que estão dentro da internet, o que demonstrava ser pouco para o frenesi infotecnológico instalado no jornalismo), que vem sendo feito, ainda em 2013, de um jeito “duro” (modelo antigo), fechado (fixado e preso em grades de programação), comportado até demais (robótico, sem personalidade). Certamente, não se trata de oposição ao jornalismo regrado, pois, no que diz respeito ao seu conteúdo informativo, é preciso seguir regras. Trata-se de jornalismo e não de ficção; no entanto, esse jornalismo não precisa ser vetusto, lento, atrasado.

É por essas e outras razões que esta pesquisa não foi em vão. É preciso acordar para a realidade digital, saber usar muito bem os aparatos tecnológicos a favor da radiofonia renovadora, arejada, inspirada. A ideia de propor uma nova forma de fazer rádio não está fechada, mas em progresso, sendo testada a cada nova experiência. Aplicativos são verificados, novas formas de interação e de automatização são experimentadas. Não se pretende impor uma nova estrutura de se fazer rádio, apenas colocar à prova diferentes formas de trabalhar o radiojornalismo aliado às tecnologias digitais de ponta. A ideia é mostrar apenas que existem outras possibilidades de se fazer rádio. Mas, quando se fala “rádio” significa dizer a rádio atual, a rádio multimídia, a rádio com imagens, complementares, a rádio com chat aberto, com a ajuda do colaborador, do morador, do frequentador; a rádio recebendo opiniões em tempo real, a rádio conectada nas redes sociais, a rádio que vai atrás de onde o público-ouvinte está (por mais que esta última frase pareça um slogan, é isso mesmo que é desejável dizer); a rádio que não se contenta em repetir o que radialistas vêm fazendo há nove décadas; porque o mundo do jornalismo, o da comunicação, e mesmo o da web (apesar de mais recente que os demais) vem sofrendo mudanças e é preciso acompanhá-las, adaptá-las e tirar proveito do que essas mudanças nos trazem de melhor.

Na convicção de que há muito que se fazer para melhorar o estado da radiofonia, tanto em estudos como este, quanto na prática da profissão, coloco-me à disposição de quem chegou até esse ponto da leitura para receber sugestões e poder, assim, aprimorar este estudo de onde saíram estes relatos circunstanciados de experimentos de pesquisa (disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertação da PUC-SP- SAPIENTIA em <http://www.univerciencia.org/index.php/browse/index/53?sortOrderId=&recordsPage=9>).

Referências

- DOSVALD, D. , LOPES, R.E.L, PRADO, M. Informação e mídias locativas – Reflexões sobre a plataforma iPhone. Trabalho apresentado no Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Setembro de 2011.
- FERREIRA, J. ; PRADO, M. Diálogos: o Twitter e o peripatético. Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 3, n. 2, 2010.
- GARCÍA, X. L. Ciberperiodismo en la proximidad. Sevilla, Salamanca, Zamora, ES: Comunicación Social, 2008.
- HERREROS, C. M. A criatividade no contexto do rádio atual. In: MEDITSCH, E., ZUCOLOTO, V. (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2008. v. 2.
- LEÃO, L., PRADO, M. Música em fluxo: programas que simulam rádios e a experiência estética em redes telemáticas. In: revista Líbero, São Paulo, n. 20, dez. 2007.
- LEMOS, A. Arte e Mídia Locativa no Brasil. In: BAMBOZZI, L. et al. Mediações, tecnologias e espaço público. São Paulo: Conrad, 2009, p. 161-178. Disponível em <<http://www.andrelemos.info/artigos/midialocativabrasil.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2011.
- PRADO, M. Produção de rádio: um manual prático. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006.
- SANTAELLA, L. A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiguidade. São Paulo: Paulus, 2010a.
- _____. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 35, abr. 2008.
- _____. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

